

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

ALDA CRISTINA MALLMANN

**PERSPECTIVAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA ANÁLISE
DE *QUARTO DE DESPEJO* EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO
2018

ALDA CRISTINA MALLMANN

**PERSPECTIVAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA ANÁLISE
DE *QUARTO DE DESPEJO* EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC II, do curso de Letras Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada.

Orientador: Prof.^a Ma. Rosangela Aparecida Marquezi

Coorientador: Prof. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Alda Cristina Mallmann**

Título: **Perspectivas de Carolina Maria de Jesus: uma análise de "Quarto de Despejo" em seu contexto histórico**

Orientador (a): **Prof.^a Ma. Rosangela Aparecida Marquezi**

Coorientador (a): **Prof. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier**

Trabalho de conclusão de curso defendido e APROVADO em 26/11/18, pela comissão julgadora:

Prof.^a Ma. Rosangela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof. Me. Leandro Zago – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof. Ma. Marcia Oberderfer Consoli – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a Ma. Rosangela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”

Dedico ao meu marido, pela paciência, apoio e carinho no decorrer desta fase da minha vida, que sem o seu apoio não teria sido possível concluir esta graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores, que acompanharam a minha jornada acadêmica de perto e deram muito apoio em sala de aula. Obrigada pela incansável dedicação e confiança.

Agradeço ao meu marido Luiz Alberto, que ao longo desses meses me deu não só força, mas apoio para vencer essa etapa da vida acadêmica. Obrigada, meu amor, por suportar as crises de estresse e minha ausência em diversos momentos.

“Ah, comigo o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é”. (Jesus)

RESUMO

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as perspectivas da escritora Carolina Maria de Jesus enquanto moradora da favela, ao escrever *Quarto de despejo* (1960), explorando a riqueza de uma obra que traz a visão da extrema pobreza por alguém que ainda vive nela. Iremos analisar e contextualizar os escritos de Carolina com o período histórico, explorando os aspectos político, social e econômico da sociedade brasileira na década de 50, como fora apresentado pela história e como realmente era sentido pela população carente, moradora das periferias. Foi adotada como metodologia de trabalho a pesquisa bibliográfica de outras obras da autora, obras de outros autores como Meihy e Levine, bem como trabalhos acadêmicos. Com isso pretende-se alcançar um olhar analítico ao Diário, evidenciando a importância do estudo desse gênero na reconstrução da história, principalmente no que será mostrado neste trabalho, das contradições entre a história oficial, que nos passa somente a imagem de progresso e prosperidade, mas que nunca demonstrou o lado do morador da periferia, em especial das favelas, que eram por muitas vezes silenciado e esquecido. Desta forma pretende-se demonstrar a importância do gênero literário, Diário, para uma melhor compreensão e análise de como a história nos é apresentada e a visão da população sobre como ela realmente ocorre, pois como fica evidenciado, na visão da autora, em seu entorno não se via toda a prosperidade que a história oficial mostra, muito pelo contrário, somente após a exposição de como as pessoas eram tratadas de forma precária que houve uma preocupação do poder público para com os pobres.

Palavras-chave: Contexto histórico, diário, pobreza. Carolina Maria de Jesus.

ABSTRACT

The present task has the aim to show the perspectives of the writer Carolina Maria de Jesus while slum resident, when she wrote *Quarto de despejo* (1960), exploiting the richness of a work which brings a view of the extreme poverty by someone who still lives it. We will analyze and contextualize Carolina's writings with the historical period, exploiting the Brazilian political society, social and economic aspects in the 1950's, as presented by history and how it was really felt by the needy people, residents of the periphery. It was adopted as working methodology the bibliographic research of works by the same author also other authors such as Meihy and Levine, as well as academic work. By it, intends to reach an analytic sight to Diary, evidencing the importance of the study of this genre in the reconstruction of history, mainly what will be shown in this work, about the contradictions between the official history, which shows us only a progress and prosperity image, in special in the slum, which was for many times silenced and forgotten. By this way it is intended to demonstrate the literary genre importance, Diary, for a better understanding and analysis of how history is presented to us, and the population's view of how it really occurs, as it is evident, in the view of the author, in its surroundings it was not seen all the prosperity that the official history shows, quite the contrary, only after the exposition of how people were treated precariously that had an authorities concern for the poor people.

Keywords: Historic context, diary, poverty. Carolina Maria de Jesus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO, SOCIAL E ECONÔMICO: SITUANDO QUARTO DE DESPEJO.....	12
1.1 GETÚLIO VARGAS.....	12
1.2 JUSCELINO KUBITSCHEK.....	15
1.3 JÂNIO QUADROS.....	17
2 A IMPORTÂNCIA DE QUARTO DE DESPEJO.....	19
2.1 O CONTEXTO QUE FEZ DE QUARTO DE DESPEJO UM LIVRO INCOMUM.	19
2.2 BIOGRAFIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS.....	21
2.3 O DIÁRIO.....	26
3 A POBREZA DESNUDA EM QUARTO DE DESPEJO.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Com o propósito de expor seus pensamentos, tanto pessoas comuns como personalidades políticas, adotaram o hábito de escrever: expressar em palavras sentimentos, acontecimentos do dia a dia, pensamentos íntimos, registros históricos e em algumas situações relacioná-los, são algumas características de um diário, conforme estudaremos no segundo capítulo. Encontramos esses aspectos em *Quarto de despejo* (1960)¹ de Carolina Maria de Jesus que abrange os anos de 1955 a 1960, uma época caracterizada pelo governo de Juscelino Kubitschek e o plano nacional de desenvolvimento e modernização “Cinquenta Anos em Cinco”, conforme estudaremos no primeiro capítulo.

Temos como objetivo analisar, considerando os aspectos histórico, político, social e econômico, as perspectivas de Carolina e no que elas se contrapõem à história oficial divulgada pelo Governo. Demonstrar ainda a visão da autora que se refere a tudo o que envolve o seu contexto: a falta de políticas sociais que nesse período foi praticamente inexistente, em meio ao intenso desenvolvimento do país e todas as agruras consequentes. Verificaremos ainda como com a análise desses dados – o progresso anunciado pelo Governo e o diário, juntamente com dados históricos - é possível uma nova compressão da história oficial.

Pretende-se ainda explorar a visão que Carolina possuía em relação a si mesma e como se sentia desprezada enquanto moradora do “quarto de despejo” em relação ao restante da população da cidade ou em suas palavras “as pessoas da sala de visita”. Assim como os sentimentos, como o desespero pela fome, que ela tenta traduzir em palavras aprendidas com leituras de revistas e jornais encontrados no lixo. Esses sentimentos afligem, assustam e integram o cotidiano dela, fazendo com que os descreva com o objetivo de que outras pessoas possam conhecer o seu dia-a-dia tão árduo.

Conforme nos explica José Carlos Sebe Bom Meihy (1994) apesar de muitos trabalhos acadêmicos fornecerem outro viés ao seu livro, é na fome e na luta pela sobrevivência que está o foco do seu discurso, e é sob essa orientação que este trabalho pretende abordar o tema exposto:

¹ Este ano refere-se à primeira edição da obra, sendo que, neste trabalho será utilizada para análise a obra publicada no ano de 1993.

[...] Esfomeada e em luta constante para conseguir comida para a sua família, a luta pela sobrevivência era – e sempre foi – o eixo principal da argumentação de Carolina. Nem o racismo, nem sua condição de mulher predominavam. (MEIHY, LEVINE, 1994, p. 33).

Como iremos analisar no segundo capítulo, um relato autobiográfico, como no caso o diário, não se constrói exatamente dentro da verdade e sim também com a percepção que o escritor tem da verdade, ainda assim, em tal obra, podemos considerar que temos um retrato fidedigno da favela. Compreender as percepções da escritora protagonista da própria história com sentimentos muitas vezes contraditórios e sua visão de mundo. Na obra encontramos a busca incansável de Carolina para saciar a própria fome e a dos filhos, enquanto o governo exibia um Brasil em progresso, porém esse desenvolvimento não alcançava a totalidade da população, excluindo a grande maioria dos pobres dos benefícios do crescimento do país. Vivendo em um ambiente indigno e inóspito e que ela define ser a favela, o *Quarto de despejo*, veremos mais adiante como e porque ela assim define o lugar onde mora. Carolina é muitas vezes pessimista em relação à humanidade e descrente no então progresso do governo de Juscelino Kubitschek.

Teremos como material para este trabalho, a pesquisa bibliográfica efetuada e também obras publicadas, como o primeiro diário publicado da autora, *Quarto de despejo* (1960) e *Cinderela Negra*, de Meihy e Levine, material este que nos permite ter uma visão de como a sociedade se encaminhava no período de escrita do diário. Usaremos ainda como material para estudo outras obras da autora, pois a própria Carolina, em obras posteriores explica alguns acontecimentos que ela havia descrito no primeiro livro. No entanto, é no “diário de uma favelada” que temos o retrato fiel da sua experiência ao morar em condições precárias e sub-humanas.

Este trabalho foi dividido em três capítulos para melhor compreensão, sendo o primeiro a contextualização histórica, mostrando e descrevendo a época em que a autora escreveu, o que influenciou muito em sua escrita. O segundo, que retrata detalhes da obra da autora, sobre a sua forma de escrita e a vida da autora, e o último capítulo, mostrando exatamente como a autora via a sociedade que a rodeava, do ponto de vista de uma favelada que era, dentro da Favela do Canindé, e também como era vista pelas pessoas de fora.

1 ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO, SOCIAL E ECONÔMICO: SITUANDO *QUARTO DE DESPEJO*

Aqui serão apontados alguns elementos que evidenciam o que acontecia no entorno da autora, tanto no Estado de São Paulo como no país, no período anterior a sua obra e durante seus escritos. Embora no período da escrita do livro o presidente fosse Juscelino Kubitschek, o país passava por um momento de evolução e transformação que também era reflexo dos governos anteriores. E neste capítulo vamos contextualizar *Quarto de Despejo* (1960) em seu período histórico, político, econômico e social.

A figura de Getúlio Vargas – o qual será demonstrado neste trabalho, por meio do poema *Getúlio Vargas* – era visto com muito apreço pela autora, mas como o momento em que os escritos se passam é posterior e trata-se de uma obra em formato de diário, este já teria tido seu tempo, porém é lembrado em certos momentos, onde a autora recorda-se de tempos melhores.

Jânio Quadros, então prefeito da cidade de São Paulo, é figura não menos importante na vida da autora, pois suas políticas sociais, dentro do desenvolvimento da capital paulista, atingem diretamente Carolina e as outras pessoas ao seu entorno. Essa forma com que foram afetados é detalhadamente descrito na obra, de maneira direta, simples e sincera.

Somente situando o leitor nesse momento poderemos ter uma noção de como a escrita de Carolina tem importância no contexto geral e como a autora não se encaixava nos padrões delimitados da sociedade.

1.1 GETÚLIO VARGAS

Os anos 50 foram marcados pelo retorno a presidência de Getúlio Vargas, em 1951, através do voto popular, diferente do ocorrido em seu primeiro mandato (1930 a 1945), trazendo importantes iniciativas nas áreas social e econômica.

Conforme descreve Cancian (2006), seu segundo governo (1951 a 1954) teve foco no desenvolvimento estatal, bem como a sua atuação como regulador e

empreendedor em áreas essenciais, incentivando e fortalecendo a siderurgia, transportes, energia e petroquímica.

Em seu primeiro ano, através do slogan “O petróleo é nosso” e com apoio popular, estabeleceu monopólio estatal sobre o petróleo, criando em 1953 a empresa Petrobrás, que era única responsável pela extração e refinamento do petróleo em toda a nação.

O país viveu um momento de rápida modernização, fazendo com que houvesse nessa época migrações internas, trazendo a população do campo para os centros urbanos. Havia uma busca de oportunidade de melhorar a condição de vida nesse momento, criando assim novas classes sociais como o operariado e as classes médias.

Esses movimentos internos serviram de base para o populismo, que de acordo com Cancian (2006) nada mais é que o uso do povo para apoiar as ações do governo, que através de promessas de cunho social busca implementação de projetos e a vitória eleitoral. Esse movimento se utiliza da desorganização popular, sem lideranças definidas em suas massas, fazendo com que sejam facilmente manipuladas pelos governantes.

No entanto, algumas medidas de Vargas desde o seu primeiro Governo foram o voto secreto e feminino em 1937, criação da Justiça do Trabalho em 1939 criação da CLT (Consolidação das Leis de Trabalho), salário mínimo, semana de trabalho de 48 horas, férias remunerada, assegurou o direito de greve, criou a carteira de trabalho – sobre a carteira de trabalho, mais tarde, Vera Eunice vai dizer que graças a ela é possível internar seu irmão João “Como ele mandou tirar todos os documentos, carteira profissional [...] não era difícil interná-lo em um hospital quando a situação piorava” (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 85). Temos forte indicação que Carolina tinha acesso a essas informações pelo simples fato de que ela lia sempre que tinha oportunidade e talvez por isso, conforme demonstraremos no segundo capítulo, ela lembra de Vargas como um bom governante para os pobres. E talvez a maior evidência seja o Poema em louvor a Getúlio Vargas, conforme veremos em sua biografia, no próximo capítulo.

Apesar de várias medidas democráticas e sociais que beneficiaram as classes mais baixas, Vargas não conseguiu manter o apoio da população quando esteve na presidência pela segunda vez. Não conseguiu cumprir com reivindicações sociais, tais

como reformas econômicas e o desenvolvimento do estado, não obtendo assim, aumento de salários e garantia dos direitos sociais.

Os setores da sociedade, organizaram-se em camadas, fazendo com que fosse mais difícil a manipulação pela classe política. O operariado se organizou rapidamente, criando sindicatos e com isso definindo quais eram seus interesses, pressionando o governo por melhorias em suas condições de vida através de diversas paralisações.

No período foram registradas diversas greves, devido ao alto custo de vida e grande aumento da inflação. Os operários, descontentes iam às ruas para reivindicar melhores possibilidades, além de protestar contra as políticas de governo que faziam com que houvesse esse desajuste financeiro:

[...] durante os anos de 1951 e 1952, a inflação e o custo de vida subiram bem mais que o salário mínimo, que, desde 1943, quando fora criado, recebera um único e insuficiente aumento. Juntando-se os dois lados da moeda – difíceis condições salariais e maior liberdade para a mobilização sindical –, o resultado é um grande número de greves. Segundo alguns cálculos, elas alcançaram a cifra de 264 nesses dois anos, concentrando suas reivindicações nos aumentos salariais ou no pagamento de salários atrasados. (GOMES, 2017, s. p.)

Com as reivindicações sociais não sendo satisfeitas e a organização do operariado, através de greves e movimentos populares contra Getúlio, estabeleceu-se uma crise no ano de 1954, a qual o governo não conseguiu reverter. Somando-se a isso às acusações de corrupção e desmandos administrativos intensificou-se a crise. Para agravar o quadro de instabilidade política, houve o atentado contra um jornalista² que publicava diversas matérias contra o governo, vindo então a culminar no suicídio de Vargas.

Getúlio era visto como um protetor dos pobres, como demonstra Dona Maria Puerta, a vizinha de Carolina na favela do Canindé, em seu relato:

Nossa família começou a torcer por um político a partir do governo do Vargas. Ele foi o "pai dos pobres" no Brasil, até a sua morte. Nós estávamos na favela quando chegou a notícia do suicídio, e sentimos tanta tristeza que parecia morte de parente. Todo mundo chorando, meus filhos, os vizinhos... (MEIHY, LEVINE, 1994, p. 110)

² O jornalista era Carlos Lacerda (1914-1977): político carioca, opositor ferrenho do segundo governo de Getúlio Vargas em 1954 sofreu um atentado em que morreu o major Rubens Vaz, fato que desencadeou grave crise política no país. (JESUS, 1993, p. 12)

Após essa época, assim que termina o período de Getúlio Vargas, temos os primeiros registros do diário de Carolina que como descreve Vera Eunice, sua filha, a mãe o admirava profundamente.

1.2 JUSCELINO KUBITSCHEK

Na obra de Carolina, temos vários trechos referindo-se a Juscelino, uma vez que o diário se passa neste período. Mostra também que as proposições do governo não atingiam a classe baixa de maneira positiva, ao contrário todo o progresso parecia refletir na geração de mais desigualdade social, conforme veremos no capítulo seguinte.

Conforme Rodrigues (2017) nos mostra, Juscelino Kubitschek assumiu a presidência do Brasil em 1956, o recebendo das mãos de Nereu Ramos, durante intervenção militar, pois havia suspeita de uma tentativa de golpe após a morte de Getúlio Vargas e os militares intervieram para garantia das eleições seguintes:

[...] sucedido pelo presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz. No entanto, o ministro da Guerra, marechal Henrique Lott, destituiu-o, pois considerou Carlos Luz uma ameaça à sucessão presidencial de Juscelino. Desse modo, assumiu o cargo, Nereu Ramos, que tentou assegurar a Café Filho a restituição do cargo. Contudo, Lott inviabilizou o retorno de Café Filho. (RODRIGUES, 2017, s.p.)

Assim que tomou posse, em 31 de janeiro de 1956, pôs fim ao estado de sítio que a nação vivia e no dia seguinte, também a censura à imprensa, querendo repassar a ideia de um governo democrático. Houve uma oposição realizada por militares da aeronáutica, rapidamente contida e logo após o presidente também concedeu anistia a todos os civis e militares que tivessem participado de movimentos políticos e militares em 1955 e 1956.

Com seu ambicioso plano governamental e o seu lema de governo “Cinquenta anos em cinco”, com 31 metas, que previa um acelerado crescimento dos setores mais importantes para a economia nacional, Juscelino Kubitschek entrou para a história.

O slogan do governo JK, citado anteriormente, era uma excelente promessa e em partes se cumpriu, mas teve seus pontos negativos. A população se sentia atraída

pela promessa de prosperidade, fazendo com que grandes massas deslocassem as cidades. Esse deslocamento populacional, causou inchamento dos centros, abrigando cada vez, um número maior de miseráveis.

O plano consistia na atuação em cinco setores cruciais: energia, transportes, indústrias de base, alimentação e educação; porém os dois últimos que eram mais expressivos para a população carente, levaram somente 7% dos investimentos totais.

Houve um expressivo crescimento da economia, expansão do setor industrial em 100% e grandes investimentos na produção de matérias primas, o que garantiu êxito no plano e gerando grandes taxas de crescimento industrial.

Porém este avanço acelerado, gerou problemas a curto, médio e longo prazo, uma vez que houve aumento da emissão de dinheiro, aumentando a inflação. E Carolina vai descrever muito bem como essa inflação interferiu de maneira drasticamente negativa na vida do pobre, conforme veremos no capítulo três. Também houve a abertura do mercado a empresas estrangeiras, o que gerou um desequilíbrio monetário e desnacionalização econômica, uma vez que estas empresas assumiram a produção em setores importantes dentro da economia nacional, tais como cigarros, farmácia e automóveis.

Estas multinacionais, ao invés de fortalecerem a economia nacional, enviavam seus lucros aos países de origem, e muitas vezes este montante era maior que o investimento realizado, burlando inclusive as leis locais.

Em 1958 houve uma tentativa de conter o grande aumento da inflação, através do Plano de Estabilização Monetária. Esse plano promovia a entrada de capital estrangeiro no país e em 1959, quando essas políticas entraram em ação, houve aumento dos preços dos insumos básicos, gerando manifestações populares contra o Plano, o que fez com que o ministro da fazenda o revisse.

Nessa época, houve rompimento com Fundo Monetário Internacional, que exigia que houvesse diminuição da emissão de papel-moeda, para manter a proposta da economia desenvolvimentista.

1.3 JÂNIO QUADROS

Agora trazendo para mais próximo da realidade vivida por Carolina, o Governador de São Paulo, que com suas ações desenvolvimentistas afetou diretamente a autora, “auxiliou” para que a mesma tivesse material para escrever.

Jânio Quadros assumiu a prefeitura do Estado de São Paulo em 1953, tendo como sua primeira medida, a demissão em massa de funcionários públicos, com fim de construir uma gestão moralizadora.

Conforme nos mostra Mayer e Xavier (2016) em 1954 candidatou-se ao Governo, sendo eleito e tomando posse no ano seguinte. Procurou aumentar a influência do Estado, mantendo boa relação com o então presidente substituto Café Filho.

O Estado de São Paulo foi o mais beneficiado pelo Plano de Metas de JK com o crescimento industrial e a concessão de crédito, mesmo Jânio sendo de partido contrário ao governo federal (União Democrática Nacional).

São Paulo teve um crescimento considerável no período, aumentando sua receita e diminuindo o déficit dos governos anteriores. Houve controle sobre despesas públicas, limitando empréstimos e uma melhora nos sistemas de fiscalização tributária a fim de diminuir a sonegação.

Ao final de sua gestão ainda havia um déficit no orçamento, entretanto, Jânio aumentou a rede de estradas pavimentadas do estado em quase 1800 quilômetros, foram projetadas várias hidrelétricas e o aumento das redes de saneamento básico e abastecimento de água, porém conforme veremos no capítulo três, essa melhora na infraestrutura não chegou até a favela.

O que se nota é uma alteração na estrutura da sociedade de rural para urbana, onde migrantes vem para a cidade em busca de uma melhor condição de vida e ascensão social.

Essa migração é o contraponto ao desenvolvimento, pois criaram-se favelas, onde as pessoas sem boas condições financeiras moravam e isso se agravou através de políticas de ampliação do estado de São Paulo. Essas políticas desalojaram boa parte da população pobre que morava em cortiços e porões, forçando com que fossem para a periferia constituindo as favelas.

Normalmente esses agrupamentos ficavam em áreas baixas, próximas a córregos, sujeitos a inundações e intempéries. A população pobre, que não tinha

alternativa, se sujeitava, incluindo a autora, que morou em uma das maiores favelas de São Paulo, a favela do Canindé. A voz de Carolina, conforme diz Silva (2013):

Representa a voz que foi sufocada durante anos por todos aqueles que ficaram a enxergar apenas o lado positivo dos anos cinquenta e esquecendo que o chamado desenvolvimentismo também gerou um lado negativo, que endividou durante anos o país, causando miséria e desigualdade social. *Quarto de despejo* é a outra face do desenvolvimentismo de JK: o lado feio, sujo, pobre e esquecido pelo Brasil. (SILVA, 2013, p. 9).

Carolina percebe em seu dia a dia que, apesar de todo o desenvolvimento, o povo não está satisfeito com seus governantes da época e mostra a indignação destes, conforme relato em seu diário no ano de 1958:

3 DE NOVEMBRO...Catei uns ferros. Deixei um pouco no deposito e outro pouco eu trouxe. Quando passei na banca de jornais li este *slogan* dos estudantes: Juscelino esfola! Adhemar rouba! Janio mata! A câmara apóia! E o povo paga! (JESUS, 1993, p. 116).

Esses relatos nos mostram que Carolina mesmo com pouco estudo, não era alheia ao que ocorria ao seu redor, ao contrário era uma pessoa muito consciente e atenta aos acontecimentos políticos e sociais que influenciavam direta ou indiretamente a sua vida que verificaremos mais afundo no terceiro capítulo.

2 A IMPORTÂNCIA DE QUARTO DE DESPEJO

A justificativa para a existência desse trabalho consiste na magnitude dessa obra, justamente por termos um retrato feito em tempo real da favela escrito por uma residente deste meio, o que até então não se tinha no Brasil. Conforme nos mostram Meihy e Levine (1994), o jornalista Audálio Dantas estava no Canindé para fazer uma reportagem, porém, ficou tão maravilhado com os escritos de Carolina que percebeu que tudo o que ele – alguém de fora da favela – pudesse escrever seria insuficiente perto do que Carolina tinha a dizer:

Em abril de 1958, durante a campanha para as eleições municipais, Audálio Dantas, um jovem repórter do *Diário de São Paulo*, foi enviado para cobrir a inauguração de *playground* próximo ao Canindé. Foi aí que se conheceram. [...] Naquele *playground*, testemunhou um confronto entre adultos que disputavam com as crianças lugares para diversão. Em meio ao tumulto, ouviu uma mulher favelada gritar: “se vocês continuarem a fazer isto vou colocar todos os nomes em meu livro!” Curioso, Dantas perguntou-lhe sobre o tal livro. (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 24).

Ao ler o diário de Carolina, é possível verificar suas perspectivas enquanto moradora da favela, explorando a riqueza de uma obra que traz a visão da extrema pobreza por alguém que ainda vive nela. Conforme observamos na declaração de Dantas, diferente de outras análises, em que um pesquisador sai da cidade e desloca-se até uma comunidade a fim de analisar as condições da população, em *Quarto de Despejo* o olhar é do interior desse meio social até então conhecido somente pelos seus moradores. Essa característica do livro nos proporciona um material riquíssimo, tanto ao considerarmos a vida pessoal da escritora, quanto ao considerarmos o que estava acontecendo no país no tempo em que a obra foi escrita. Esses aspectos colocam o livro em um patamar de extrema importância no meio acadêmico das ciências humanas.

2.1 O CONTEXTO QUE FEZ DO DIÁRIO DE CAROLINA UM LIVRO INCOMUM

Carolina escreveu durante uma época interessante da história brasileira: tanto em termos sociais quanto econômicos, muitas coisas estavam mudando em todo o

país e especialmente em São Paulo. E as contribuições históricas e literárias de Carolina para a sociedade brasileira durante meados do século XX não devem ser negligenciadas. Ela foi uma voz singular e única.

Na década de 1950 a educação no Brasil era privilégio de uma pequena parte da população, as escolas públicas eram precárias e insuficientes. A população pobre, a não ser por intermédio de um bem-feitor como foi o caso de Carolina, conforme estudaremos no capítulo três, não tinha acesso ao ensino. Para melhor compreender esse fato, basta olharmos para as taxas de analfabetismo desse período, mais de metade da população não sabia escrever o próprio nome:

O Censo de 1940 deixou isso mais que claro, ao revelar que a taxa de analfabetismo do país batia em 56,17% da população com idade superior a 15 anos. No final do governo JK, em 1960, registrava-se uma percentagem de 39,35% de analfabetos entre essa mesma faixa populacional". (BOMENY, CPDOC, 2017, s. p.).

Esses dados explicitam que a escrita continuava sendo produzida por uma restrita camada da sociedade. Mesmo com a melhora na taxa de analfabetismo, na década que foi publicado *Quarto de Despejo*, o acesso à educação era privilégio dos mais favorecidos economicamente. O que torna fácil compreender porque a escrita era monopolizada na elite, somente eles sabiam utilizá-la e por consequência eram os ricos que usufruíam de informação e cultura.

Esse cenário era a continuidade da história que sempre considerou a opinião da elite em detrimento da opinião dos marginalizados. Conforme explica Sharpe (1992):

Tradicionalmente, a história tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato dos feitos dos grandes. O interesse na história social e econômica mais ampla desenvolveu-se no século dezanove, mas o principal tema da história continuou sendo a revelação das opiniões políticas da elite. (SHARPE, 1992, p. 40).

No período em que foi escrito o diário, as favelas estavam crescendo rapidamente devido às pessoas das áreas rurais que tentavam escapar de suas dificuldades financeiras mudando-se para as grandes capitais econômicas do Brasil em busca de trabalho. Carolina fornece uma perspectiva das consequências que esses movimentos políticos e econômicos tiveram sobre a parcela marginalizada da

sociedade e como a inflação tornou suas compras mínimas quase insuportáveis financeiramente. Com isso, revisaremos a importância que eles emprestam ao período em termos históricos, bem como o esclarecimento que eles dão à vida da parcela marginalizada da sociedade brasileira.

Somando esses três fatores - a cultura e educação ser restrita aos favorecidos economicamente, o processo histórico de valorização da opinião da elite, às favelas cada vez mais lotadas – temos o cenário que torna a obra de Carolina singular, ímpar exclusiva: o diário era uma exceção. Até então nenhuma mulher pobre e negra havia escrito e/ou publicado um livro. E mais do que ter publicado, Carolina, descreve o seu cotidiano com a sua percepção de mundo, com isso é a primeira vez que temos a visão de dentro da favela. E nesse sentido entendemos que *Quarto de Despejo* (1960) nos possibilita pela primeira vez na história um olhar para a condição social que a narradora ocupa a partir de sua própria perspectiva.

Carolina escreve a própria história e por consequência, a história de outros marginalizados com quem convive, possibilitando que seja lançado um novo olhar sobre a história oficial. E mais do que isso, ela não somente traz os acontecimentos da favela de maneira descritiva, mas os descreve com análises reflexivas, com consciência social, desmonopolizando a escrita.

2.2 BIOGRAFIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Para entendermos melhor quem foi Carolina Maria de Jesus, não podemos deixar de mostrar como foi seu percurso de vida, em especial no período compreendido na obra em tela. Vamos iniciar pouco antes deste trajeto, que compreende os anos anteriores a *Quarto de Despejo* e para uma melhor compreensão da personagem prosseguiremos aos anos posteriores.

Maria Carolina de Jesus, nasceu em 14 de março de 1914, em Sacramento, cidade de Minas Gerais, próxima a Uberaba. Filha de mãe solteira, que era analfabeta e lavadeira, e havia nascido sob a Lei do Ventre Livre, tinha mais sete irmãos em uma

família matrifocal³. Era neta de Benedito José da Silva, que fora escravo, de origem “cabinda”:

Carolina se dizia descendente dos negros cabindas. Emprega essa categoria conforme o sentido usual difundido pelos colonizadores. Estes classificavam os escravos de acordo com os portos de embarque. Sabemos hoje que o termo cabinda não corresponde a uma etnia específica, refere-se a “um importante porto de tráfico de escravo, logo ao norte do rio Zaire; assim muitos escravos eram conhecidos como cabindas porque tinham sido exportados por esse porto”. (SILVA, 2006-2007, p. 7).

Aos sete anos, frequentou um colégio espírita Alan Kardec, que ajudava crianças pobres, tendo apoio de uma cliente⁴ de sua mãe, Maria Leite Monteiro de Barros. Carolina teve menos de dois anos de estudo, as primeiras duas séries do fundamental e apesar da vontade de continuar a estudar não conseguiu, ela descreve os sentimentos que a afligiram ao deixar a escola, conforme nos mostra Meihy e Levine (1994):

Foi com pesar que deixei a escola. Chorei porque ainda faltavam dois anos para eu receber meu diploma, tive que resignar-me, porque as decisões paternas vencem, a minha mãe encaixotava os nossos utensílios, eu encaixotava os meus livros. A única coisa que eu realmente venerava. (JESUS apud MEIHY; LEVINE, 1994, p. 176)

Pelo sofrimento que ela descreve ao ser obrigada a abandonar a escola, torna fácil a compreensão de que após aprender a ler e escrever nunca mais largou os livros e cadernos. O motivo pelo qual precisou abandonar a escola consiste em que em 1924, mudou-se para a cidade de Lajeado em Minas Gerais, com sua família em busca de melhores condições de vida, essa mesma sina a perseguiria pelo resto de sua vida – mudar em busca de melhores condições:

A vida na cidade era difícil para os pobres que trabalhavam a preço fixo. E tínhamos que comprar tudo. Só os comerciantes é que podiam viver bem dentro da cidade, os pobres viviam melhor na roça. O meu padraсто resolveu procurar um fazendeiro que lhe aceitasse como colono. Fomos residir na fazenda do lageado. Nas imediações de uberaba. (JESUS apud MEIHY; LEVINE, 1994, p. 176).

³ Tipo de organização familiar concreta em que o controle e a autoridade em geral, bem como o governo e sustento da casa em particular, são exercidos pela figura materna, sendo pouco relevante ou mesmo inexistente o papel da(s) figura(s) paterna(s) (<http://www.aulete.com.br/matrifocal>)

⁴ A mãe de Carolina Maria de Jesus trabalhava como lavadeira para Maria Leite Monteiro de Barros.

Em 1930, mudou-se novamente, desta vez para a cidade de Franca, onde trabalhou novamente como lavradora e logo após empregada doméstica.

Segundo Frazão (2017), aos 23 anos, em 1937, falece a mãe de Carolina, e ela muda-se para a capital paulista, onde passa a trabalhar na Santa Casa de Franca como faxineira e novamente como empregada doméstica, como cita Meihy (1996):

[...] empregada doméstica demitida de várias casas onde trabalhou conjugando etapas de *emprego* com papéis gratuitos em circos baratos; vendedora ambulante de bebidas em esquinas suspeitas; limpadora de longos corredores de hospitais e hotéis. (MEIHY, 1996, p. 14-15, grifo do autor).

Já moradora de uma favela, Carolina trabalha nas noites com recicláveis, como catadora, e aproveita para ler o que encontra e recolher revistas e cadernos encontrados no lixo:

No total são 37 cadernos, quase todos de "capa dura" fato que revela cuidado na procura dos mesmos. Sabe-se com certeza que eram cadernos achados, pois alguns deles, além de páginas arrancadas, ainda guardam vestígios de usos anteriores. (MEIHY, 1996, p. 35).

Carolina, mesmo na vida sofrida que levava, no meio rural e urbano, trabalhando de lavradora a empregada doméstica, faxineira, sempre teve a leitura como aliada:

Um dos aspectos mais tocantes da sua biografia é o fato de lembrar-se constantemente de levar consigo os livros nos momentos em que necessitava migrar para outra cidade. (SILVA, 2006-2007, p. 7).

Para ela, a leitura era muito importante, não faltando em sua obra reflexões que nos demonstram isso:

O livro... me facina. Eu fui criada no mundo. Sem orientação materna. Mas os livros guiou os meus pensamentos./Evitando os abismos que encontramos na vida./Bendita as horas que passei lendo. Cheguei a conclusão que é o pobre quem deve ler./Porque o livro, é a bussola que ha de orientar o homem no porvir [...] (JESUS, 1996, p. 167).

Após o ano de 1937, ainda trabalhando como empregada doméstica na capital paulista e sem abandonar a leitura, inicia seus passos no rumo da literatura. No ano de 1941, com sonho de ser escritora, apesar do pouco estudo, vai ao Jornal Folha da

Manhã, levando consigo o poema em louvor a Getúlio Vargas, que na edição de 24 de fevereiro do mesmo ano, é publicado, junto a sua foto:

Foi o orgulho da nossa gente./É opinião brasileira/Que tivemos um presidente/Que honrou nossa bandeira./Getúlio, heróico e potente,/Grande alma nacional./Deveria ser o presidente/Desde o tempo de Cabral./Éramos um povo inibido,/apático e sem ação/Mas Getúlio, o destemido.../Nos deu um empurrão./Retirou do operário a tibieza/Deu-lhe apoio e proteção/Convidou-lhe com delicadeza/A colaborar no progresso da nação. (JESUS, 1996, p. 135).

Silva (2006-2007) ainda nos relata que o sonho da autora de ser reconhecida como poetisa, acabou sendo interrompido com o nascimento de seu primeiro filho João José de Jesus, em 1948, pois não pode prosseguir com seu trabalho doméstico, sendo demitida ainda grávida em 1947. Após isso a busca por moradia passou a ser sua primeira necessidade.

Momento de grande dificuldade, e com poucos registros, era uma época que passava por grandes modificações sociais e urbanas. Essa época afetou diretamente Carolina, que teve grandes dificuldades em achar um local para morar, como ela mesma aponta em sua obra:

É que em 1948 quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós os pobres, que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo embaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos. (JESUS, 1993, p. 171).

São Paulo passava por uma reurbanização, devido ao processo acelerado de industrialização, que afetou a população pobre que vivia em cortiços, porões e casas no centro urbano, conforme visto no primeiro capítulo. Esse processo, fez com que faltassem moradias, pois donos de cortiços, devido aos prejuízos causados com o valor do aluguel congelado, venderam seus imóveis, para recuperar parte do dinheiro.

A situação da população se tornou insustentável, pois o poder público forçava a retirada das pessoas das áreas reurbanizadas e com a demolição de cortiços e casas que serviam de moradia, para criação de avenidas, os pobres passaram a residir em locais mais distantes criando as periferias.

Essa falta de moradias afetou diretamente Carolina, pois foi obrigada a mudar-se para a favela do Canindé, situada às margens do Rio Tietê, local insalubre e sujeito

a inundações. Construiu sua própria moradia - um barraco - passando a trabalhar como “catadora de papel” para sustentar-se:

Negra retinta, daquelas saídas das entranhas de Minas Gerais, do vilarejo de Sacramento, no Triângulo, sem ter experimentado em sua extirpe miscigenação alguma, Carolina foi favelada na metrópole paulista desde 1947. (MEIHY, 1996, p. 14).

Em 1950, nasce José Carlos de Jesus, seu segundo filho, e em 1953, nasce Vera Eunice de Jesus. Todos os três filhos de Carolina de pais diferentes e nenhum deles morou com a mineira, sendo mãe solteira, como sua mãe fora.

Tudo que encontrava no lixo que podia ser utilizado ou lido era recolhido, revistas, jornais e cadernos, eram separados para que ela usasse para anotar seu dia a dia. Esses escritos que passaram a ser registrados mais ordenadamente a partir de 1955, iriam compor seu diário, que a partir da sua transformação em livro alterou sua vida.

No ano de 1958, Carolina conhece Audálio Dantas, que trabalhava para O Cruzeiro, revista da época, na favela do Canindé, pois este teria ido realizar uma matéria sobre um parque instalado no local para crianças:

Conta Audálio Dantas, então jovem repórter, que, indo para a antiga – e extinta – favela do Canindé, em São Paulo, exatamente onde hoje está sediado o monumental estádio de futebol da Associação Portuguesa dos Desportos, por acaso, lá encontrou uma mulher bradando contra os adultos bêbados que estragavam um pequeno parque de diversões, instalado pela Prefeitura Municipal, para as crianças. A ameaça de colocá-los no *livro* (que dizia escrever) atraiu a atenção do curioso repórter. (MEIHY, 1996, p. 20, grifo do autor).

Carolina mostra então o seu diário, que faz Dantas se interessar pela história. Ainda em 1958, partes do texto de Carolina é publicado, recebendo vários elogios. E no ano seguinte O Cruzeiro também publica trechos de seu diário.

No ano de 1960, houve a publicação de *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, com edição de Audálio Dantas e tiragem de dez mil exemplares, sendo que, somente na noite de autógrafos foram vendidos 600 livros.

Carolina, devido ao sucesso que obteve, consegue mudar-se para uma casa melhor, como ela mesma descreve a sua “casa de alvenaria” no Alto de Santana. Ela recebe homenagem da Academia de Letras e em 1961 é homenageada na Argentina e agraciada com a “Orden Caballero Del Tornillo”.

Tem outros livros publicados nos anos seguintes, em 1961 publica *Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada*, em 1963 *Pedaços de Fome* e em 1965 *Provérbios*.

Entretanto, apesar do sucesso, Carolina não demorou muito a voltar a sua antiga situação de catadora de papel e em 1969 ela e seus filhos vão para um sítio no bairro de Parelheiros, em São Paulo, nomeado por ela “Chácara Coração de Jesus”, onde a agora escritora, fica esquecida pelo mercado editorial, vindo a falecer em 13 de fevereiro de 1977, aos 63 anos. Uma triste coincidência, conforme nos relata Vera Eunice em *Cinderela Negra* (MEIHY; LEVINE, 1994), Carolina morre aproximadamente dois meses depois de retornar de uma viagem aos Estados Unidos para acompanhar a produção de um filme sobre sua vida, momento em que ela estava novamente sendo lembrada e poderia retornar ao mercado literário.

2.3 O DIÁRIO

Conforme Silva (2016) descreve em seu trabalho, o gênero autobiográfico foi reconhecido como gênero literário recentemente, a partir de 1970. Esse gênero pode conter diversos tipos de escrita, como cartas, memórias e diários. Silva (2016) nos demonstra que “[...] havendo o predomínio de uma dimensão literária, essa e outras formas de ‘escritas do eu’, como o diário, por exemplo, devem ser reconhecidas como literatura.” (SILVA, 2016, p. 10):

[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua vida individual, em particular a história de sua personalidade. (LEJEUNE, 2008, apud SILVA, 2016, p. 10).

Assim, havendo uma definição de que o autor é também personagem, define-se este gênero literário. Podemos considerar o diário de Carolina como autobiográfico, na medida que conforme nos define Viana (1995) apud Santos, Santos e Oliveira (2016), o gênero autobiográfico não contém formas fixas, mas coincidem autor, narrador e personagem, como acontece em *Quarto de Despejo* (1960):

A autobiografia, entendida como narrativa em que o autor, narrador e personagem são figuras coincidentes, não é certamente um gênero uniforme, sujeito a regras fixas. O estilo ou a forma da narrativa autobiográfica pode se

definir como maneira de cada autobiógrafo satisfazer as condições de ordem ética e relacional, que só exigem a narração verídica de uma vida [...]. (VIANA, 1995, apud SANTOS, SANTOS e OLIVEIRA, 2016, p. 45).

Este gênero, não é, necessariamente, ausente de ficção. Esta pode ser utilizada para aumentar ou diminuir alguns eventos, assim como pode simplesmente ocultar algo que não queira ser mostrado.

A exemplo de ocultação de dados temos o nome do pai da filha caçula, Vera Eunice, em todo o seu livro, Carolina não revela o nome dele e fornece os motivos para tal atitude. Temos um relato no diário em 9 de junho de 1959, data em que partes do diário já haviam sido publicadas em jornais e bastante conhecidos em São Paulo, em que o pai da menina agradece por não ter o nome exposto. “-Você me escreveu que a menina estava doente, eu vim visitá-la. Obrigado pelas cartas. Te agradeço porque você me protege e não revela meu nome no teu diário”. (JESUS, 1993, p. 149).

Carolina através de seu livro *Quarto de Desejo: Diário de uma Favelada*, expõe sua vida e o meio onde vive, não criando uma personagem, mas sendo a personagem. Ela descreve o que vive, sente e sofre, tanto o que se passa em sua vida, como o que percebe ao seu redor, sendo assim, apresenta em diversos pontos, traços do gênero autobiográfico, como no trecho a seguir:

20 DE JULHO Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei. (...) Fui no Arnaldo buscar o leite e o pão. Quando retornava encontrei o senhor Ismael com uma faca de 30 centímetros mais ou menos. Disse-me que estava a espera de Binidito e do Miguel para mata-los, que eles lhe espancaram quando ele estava embriagado.” (JESUS, 1993, p. 18).

Conforme cita Santos, Santos e Oliveira (2016), Lejeune (2008) define que para ser classificado como autobiografia, o texto deve conter necessariamente uma narrativa, “[...] isso não exclui nem seções de autorretrato, nem diário da obra ou do presente contemporâneo, nem construções temporais muito complexas [...]” (LEJEUNE 2008, apud SANTOS, SANTOS e OLIVEIRA, 2016, p. 45).

A autora utiliza de linguagem simples, pois teve somente as duas primeiras séries como fonte educadora, como já evidenciado em sua biografia. Mas essa simplicidade na escrita, demonstrada através de falta de concordância, pontuação e erros de grafia, nos demonstra uma riqueza de detalhes capaz de empolgar, se

podemos utilizar este termo, uma vez que quando seus primeiros escritos foram publicados, causaram uma grande expectativa do público⁵.

Essa expectativa, demonstrada através da venda recorde de seus livros, porém foi em muito questionada por teóricos da época, como sendo uma história forjada, por Audálio Dantas, seu editor e pessoa que ajudou a levar ao público uma realidade até então desconhecida e nunca pensada: a vida na favela:

Críticos ferrenhos da escritora pobre – entre eles principalmente Wilson Martins – insistem em considerar a produção dela, como *editada* ou *produzida*, sugerindo, sem sutilezas, que seria um produto oportunista de Audálio Dantas e de empresários atentos ao crescimento do mercado de consumo de livros. (MEIHY, 1996, p. 13, grifo do autor).

No entanto, essas acusações nunca passaram de especulação e são facilmente destruídas com análise da vida de Carolina anterior e posterior ao Diário. E considerando a ramificação do gênero podemos conceituar a principal obra de Carolina Maria de Jesus, como autobiográfica. Sendo que *Quarto de Despejo* contém traços do gênero autobiográfico, uma vez que utiliza a escrita do eu, relatando o seu cotidiano, com riqueza de detalhes, sendo o período que abrange a escrita do primeiro livro, parte de sua biografia.

⁵ Fica evidenciado tal assertiva quando houve o lançamento do seu livro “*Quarto de Despejo*” em 1960, pois nos três primeiros dias foram vendidos 10 mil exemplares, em São Paulo, e em seis meses 90 mil cópias.

3 A POBREZA DESNUDA EM QUARTO DE DESPEJO

Os relatos de Carolina em seu primeiro diário mostram-nos o reflexo de diversas políticas governamentais empregadas nas décadas de 50 e 60 no Brasil. Vamos estudar nesse capítulo como essa política era “vendida” para a população e como era realmente entregue, principalmente para a classe mais baixa. E como a situação econômica do país reflete na vida de Carolina e por consequência na vida dos pobres em geral.

As favelas estavam crescendo a cada dia, enquanto as pessoas das áreas rurais tentavam ascensão social e uma vida mais fácil, mudando-se para as grandes capitais econômicas do Brasil em busca de trabalho, no âmbito da obra, a cidade de São Paulo:

Emprego, salários mais elevados, direitos trabalhistas, maior infraestrutura hospitalar e educacional compunham um cenário deveras atrativo. Paulatinamente, ganhava fôlego a ideia de que a vida em São Paulo seria “mais fácil”, ainda mais se comparada com as difíceis circunstâncias que os trabalhadores rurais nordestinos enfrentavam no período. (FONTES, 2008, apud GIKAS; SAMPAIO, 2016, p. 9).

Sampaio e Julia ainda citam que este impacto foi “tão grande quanto os efeitos produzidos pelos imigrantes que vieram da Europa, do Oriente Médio e da Ásia em décadas anteriores” (FONTES, 2008, apud GIKAS; SAMPAIO, 2016, p. 9).

Carolina fornece uma perspectiva das consequências que esses movimentos políticos e econômicos tiveram sobre a parcela marginalizada da sociedade e como a inflação tornou suas compras mínimas quase insuportáveis financeiramente. Com isso, revisaremos a importância que eles emprestam ao período em termos históricos e literários, bem como o esclarecimento que eles dão à vida da parcela marginalizada da sociedade brasileira. Sempre citando a fome como a principal mazela do pobre – e esta agrava-se com a inflação conforme vimos no primeiro capítulo – e refletindo sobre como o direito à alimentação deveria ser garantido a todos:

Para mim o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade. Quem não conhece a fome há de dizer: “Quem escreve isto está louco”. Mas quem passa fome há de dizer: - Muito bem Carolina. Os gêneros alimentícios deve ser ao alcance de todos. (JESUS, 1993, p. 34).

Carolina não estava – nem antes e nem depois de *Quarto de Despejo* (1960) - declaradamente em luta a alguma causa coletiva e isso contribuiu para o seu

esquecimento, pois não teve apoio de grupos sociais. No entanto, por esse mesmo motivo, também nos deu o retrato da favela tal qual é visto por ela e como já várias vezes nesse trabalho foi demonstrado, hoje temos em mãos a riqueza de um diário, com traços autobiográficos, que desnuda a realidade do pobre, não importando o quanto isso incomode. E é essa realidade que demonstraremos a seguir.

Ela era independente quando escrevia. Completamente livre, pois não se submete a nada nem a ninguém e por isso revela a pobreza de um Brasil em progresso de modo revolucionário. Conforme nos mostra Meihy e Levine (1994), ela não levantava nenhuma bandeira ideológica:

Curiosamente, nem os militantes de esquerda, nem os membros da ciosa direita brasileira a apoiaram de maneira linear. Para os primeiros ela não parecia suficientemente estridente para provar as teses de luta de classes ou da vítima consciente da marginalização inconformada. Até, pelo contrário, sob alguns pontos, de vista, Carolina mostrava-se conservadora e mesmo racista, sobretudo isolada. Para a direita, seus testemunhos incomodavam o pressuposto da pobreza domesticada, útil sem dúvida para os discursos disciplinados, mas ao mesmo tempo, ela elogiava alguns comandantes políticos [...] (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 19-20).

Essa individualidade de Carolina lhe proporciona a liberdade de dizer o que quer, a liberdade de expor o que ela acredita como verdade, da maneira que acha que deve expor, sem demagogia, sem pressupostos, sem teses que devem, a todo custo, serem provadas. Essa independência única coloca-a em um patamar exclusivo. Somente ela foi capaz de, em tal período, descrever as mazelas do pobre, sem curvar-se a uma ideologia, sem curvar-se a um partido político, ou qualquer outra denominação que poderia lhe por rédeas na escrita. Revela a vida da forma como ela a percebe, sem maquiagens, Carolina não tem necessidade de provar alguma teoria ou ideologia e por isso, capaz de expor a pobreza desnuda de forma excepcional.

Escrevendo em forma de diário, tenta repassar o sentimento que sente no momento em que está escrevendo. Como forma de alívio, transpassa ao papel, a fome, a dor, o cansaço, o medo e a luta diário da sobrevivência:

...De manhã estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer. (JESUS, 1993, p. 44).

22 DE MAIO Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro e saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. (JESUS, 1993, p. 37).

15 DE JUNHO [...] Parei na banca de jornais. Li que uma senhora e três filhos haviam se suicidado por encontrar dificuldade de viver (..) A mulher que

suicidou-se não tinha alma de favelado, que quando tem fome recorre ao lixo, cata verduras nas feiras, pedem esmola e assim vão vivendo. (...) Pobre mulher! Quem sabe se de há muito ela não vem pensando em eliminar-se, por que as mães tem muito dó dos filhos. Mas é uma vergonha para uma nação. Uma pessoa matar-se por que passa fome. E a pior coisa para uma mãe é ouvir esta sinfonia: - Mamãe eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome! (JESUS, 1993, p. 56).

Nesse último trecho, fica claro que as necessidades básicas afetavam uma parcela considerável da população, não era apenas Carolina que sofria com a miséria extrema. No ano de 1956 o desespero levará uma mulher e seus três filhos a cometerem suicídio por passarem necessidades e a autora enfatiza que o país como um todo deveria sentir vergonha de tal situação. Certamente é uma parte da nossa história que não deve ser ofuscada pelo glorioso Plano de Metas e o desenvolvimento sob o *slogan* “Cinquenta anos em cinco” ao contrário deve nos lembrar que o progresso é importante, porém sem nunca deixar de atender as necessidades básicas da população.

Essa realidade ia de encontro ao que estava proposto pelo então governo, conforme nos aponta Meihy e Levine (1994) “A favela era um cenário perturbador para a industrialização anunciada como redentora da pobreza” (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 18) e a luta cotidiana para adquirir o básico para a sobrevivência, era a prova de um empasse para a proposta de progresso na suposta curva ascendente da história do Brasil.

O livro é recheado de exemplos como este, que demonstram que o mostrado na imprensa, as maravilhas do desenvolvimentismo, somente era uma maravilha por esquecer de relatar a fome e desespero dos marginalizados.

Enquanto *Quarto de Despejo* é escrito, temos uma importante questão para o país: o processo migratório. Conforme nos explica Meihy e Levine (1994) Legiões de pobres se deslocavam do interior para as grandes capitais em busca de trabalho e melhores condições de vida. Mas ao chegar nas capitais, ao contrário do que tinham imaginado, o desenvolvimento proposto pelo governo não era capaz de lhes atingir e na maioria dos casos não era capaz nem mesmo de garantir-lhes emprego. Estimase que em 1957 pelo menos 7% da população do Estado de São Paulo estava desempregada:

[...] em 1957, concluiu-se que 7% da população paulista estava desempregada, e o Jornal Última Hora apontava que a oferta de emprego era

insuficiente para trabalhadores sem especialização (FONTES, 2008, apud GIKAS; SAMPAIO, 2016, p. 10).

E em outros casos, em que conseguiam um emprego, este não lhes fornecia condições para angariar o básico para uma vida digna. Sendo assim, não encontravam nem desenvolvimento, nem melhores condições de vida e deparavam-se com miséria e mais pobreza, formando as favelas, conforme também visto anteriormente.

O entusiasmo do progresso empalidecia “os dramas fragmentados pelos sofrimentos isolados” (MEIHY; LEVINE, 1994). Com o crescimento das favelas não se conseguia mais esconder a periferia e entre muitos debates políticos envolvendo capital estrangeiro e entrada de indústrias multinacionais, iniciavam-se os debates sobre estas migrações e suas consequências, tornando o processo migratório um problema para o estado. Com a migração da população pobre do campo para as cidades, aumentavam as favelas e por consequência aumentava a marginalidade e com isso as favelas passaram a ser inseridas nos debates políticos:

O progresso do Brasil foi a tônica das administrações de Juscelino Kubitschek e de Jânio Quadros [...] Fatos concretos que evidenciam o crescimento da marginalidade traziam o fenômeno da pobreza para os discursos, que tiveram que incluir as favelas no vocabulário político. Neste cenário Carolina se fez mote, e seria impossível qualquer debate sobre o desenvolvimento sem passar por alguns argumentos contidos no livro. (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 20).

Apesar dos debates, a favela era negligenciada pelo governo e em *Quarto de Despejo*, Carolina denuncia este fato, ela e muitos outros migrantes se veem na miséria, com luta cotidiana para alimentar-se, enquanto o governo se preocupa em “vender” o desenvolvimento e progresso. Carolina percebe a disparidade social, o que é possível verificar no primeiro parágrafo do livro em que já torna evidente a luta diária da protagonista. Quando sua caçula completa dois anos, Carolina quer comprar-lhe um sapato, no entanto, ela não consegue e declara que encontrou um no lixo, com isso tentando contornar a situação da extrema pobreza:

15 DE JULHO DE 1955 Aniversario de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (JESUS, 1993, p. 9).

Era essa a condição da maioria dos migrantes do campo para a cidade, sem condições de comprar alimento, um par de sapato para uma criança viria em último plano.

O texto de Carolina, nos é apresentado de dentro de seu barraco, na favela do Canindé. Acordando na madrugada para escrever e nos detalhando que passa em seu redor. Temos aqui outro aspecto importante - além da fome: as condições precárias de moradia a que eram submetidos aqueles que vinham para a área urbana sem condições de pagar por uma moradia na cidade. Em maio de 1958, após 11 anos morando no Canindé, Carolina define que residir as margens do Tietê significava estar rodeada de lama e esgoto:

21 DE MAIO [...] Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tiête. E com 9 cruzeiros apenas. (JESUS, 1993, p. 35).

30 DE MAIO [...] Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga. (JESUS, 1993, p. 42).

Esse último trecho também nos mostra que a favela não parava de crescer, além das crianças que nasciam ali, chegavam novas famílias, que segundo o relato, andavam entristecidas por ter que submeter-se a condições tão precárias.

Essa realidade governo nenhum quer mostrar, pelo contrário, tenta ocultar, tornar silencioso. Analisando por esse patamar que a obra se torna grandiosa. Outro aspecto encontrado é a dificuldade de se conseguir água na favela. No Canindé não havia água encanada, sendo que as pessoas madrugavam para consegui-la na única torneira disponível, como cita Carolina “Atualmente é difícil pegar água, porque o povo da favela duplica-se. E a torneira é só uma.” (JESUS, 1993, p. 97).

Essa informação foi reforçada ainda, por uma vizinha de Carolina, Dona Maria Puerta, em declaração posterior, presente na obra de Meihy e Levine (1994), que relata exatamente o drama sofrido, devido à falta de água encanada nas residências:

Eram 180 casas, e por vários anos tínhamos uma torneira para todos os moradores usarem. Mesmo quando fizeram outra, alívio pouco a situação. Pela manhã, a gente acordava cedinho, antes de clarear o dia, para apanhar água. Quando chegava lá, a fila era grande. O povo levava suas latas e ficava esperando, esperando. (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 108).

Considerando a água como essencial à manutenção da vida, é impossível não pensarmos, como um país com tanto progresso poderia ter em seu seio tal situação.

Os candidatos a cargos políticos, sabendo da existência da favela e das condições de seus moradores, para angariar votos aproveitavam-se da situação de pobreza extrema. Como Carolina retrata em sua obra, candidatos aparecem oportunamente a cada eleição em busca de voto, afinal, que povo mais fácil de convencer que aqueles que sentem fome, pois qualquer tentativa para saciá-la é válida. Cita o candidato a deputado Paulo de Campos Moura que além de feijão doa cobertores, pouco antes do início do inverno em São Paulo, em uma clara intenção de conseguir votos praticamente mediante a compra destes, visto que doa o feijão e os cobertores em plena campanha eleitoral e, com certeza, essa doação não foi despretensiosa:

28 DE MAIO [...] Os políticos só aparece aqui no quarto de despejo, nas épocas eleitorais. Este ano já tivemos a visita do candidato a deputado Dr. Paulo de Campos Moura, que nos deu feijão e ótimos cobertores. Que chegou numa hora oportuna, antes do frio. (JESUS, 1993, p. 41).

A autora também nos relata, o olhar de outros moradores da favela, que da mesma maneira que ela, demonstram-se indignados e entristecidos com a condição que vivem:

31 DE MAIO [...] Perguntei a uma senhora que vi pela primeira vez:
- A senhora está morando aqui?
- Estou. Mas faz de conta que não estou, porque eu tenho nojo daqui. Isto aqui é lugar para os porcos. Mas se puzessem os porcos aqui, haviam de protestar e fazer greve. Eu sempre ouvi falar na favela mas não pensava que era um lugar tão asqueroso assim. Só mesmo Deus para ter dó de nós. (JESUS, 1993, p. 43).

Os relatos sobre as visitas arrivistas dos políticos e da análise que a nova moradora faz da favela, nos mostra que ela é conhecida, mas é algo que as pessoas não querem pensar. Essa nova moradora que não tem o nome revelado, antes de ser favelada, sabia da existência da periferia, podemos perceber em suas palavras “sempre ouvi falar na favela” e agora que ela se vê nesse meio, reflete sobre tal situação. Não sabemos o motivo da mudança para o Canindé, porém analisando o que já foi estudado, possivelmente, tenha sido por falta de oportunidade de algo melhor. E a visita dos candidatos nos mostra que a elite política tem ciência das

condições precárias que parte da população se encontra, porém ao contrário de tomarem ações para revertê-la, usam-na para garantir-lhes o poder.

Isso nos mostra que a favela, apesar da tentativa do poder público em torná-la invisível, não o era nem para o Governo, nem para as outras pessoas, os chamados “*visinhos da alvenaria*” (JESUS, 1993, p. 41) que tem desprezo e acham que a favela acabou com o bairro, mostrando que é de conhecimento da população aquele espaço. Porém nada se faz pensando em melhorá-lo, ou o faz de maneira insignificante, somente querendo mantê-lo quieto através de falsas promessas:

8 DE JUNHO [...] Os visinhos de alvenaria olha os favelados com repugnância. Percebo seus olhares de odio porque eles não quer a favela aqui. Que a favela deturpou o bairro. Que tem nojo da pobreza. Esquecem eles que na morte todos ficam pobres. (JESUS, 1993, p. 49).

Em outro trecho da obra, Carolina cita a visão dos “visinhos da alvenaria”, e o desprezo que os mesmos demonstravam por eles, tal como a sogra da Dona Ida. Dona Ida mora no bairro próximo à favela e fornece água para os moradores do Canindé de segunda a sábado pois “Aos domingos ela queria dormir até mais tarde” (JESUS, 1993, p. 50). Ninguém mais além dela faz isso, conforme Carolina relata:

8 DE JUNHO [...] Nois íamos noutras casas, batíamos na porta. Ninguem respondia. Não aparecia ninguem para nos atender, para não ouvir isto: - A senhora pode nos dar um pouco dagua? (JESUS, 1993, p. 50).

A sogra de Dona Ida não apreciava o gesto da nora e no dia que faltou água na única torneira do Canindé, uma fila formou-se na casa de Dona Ida e as mulheres pediam “- Eu queria agua para fazer a mamadeira. Meu Deus, como é que nós vamos fazer sem agua?” (JESUS, 1993, p. 50). A Sogra de Dona Ida observando a fila sugere o que gostaria que acontecesse para não ter mais o importuno dos favelados próximo a ela:

8 DE JUNHO [...] - Podia dar uma enchente e arrazar a favela e matar estes pobres cacetes. Tem hora que eu revolto contra Deus por ter posto gente pobre no mundo, que só serve para amolar os outros. (JESUS, 1993, p. 50).

As enchentes eram reais e possíveis de acontecer, Carolina vivia as margens de um rio, sendo assim, sob ameaça constante de ter seu barraco inundado. Ela relata

sobre enchentes que ceifaram a vida de pessoas na região, inclusive do próprio neto da sogra da Dona Ida:

Na enchente de 49 morreu o Pedro Cardoso, filho de Dona Ida. Quando eu soube que o Pedrinho havia morrido afogado pensei na decepção que teve a sua avó que pedia água, água, bastante água para matar os favelados e vaiou água e matou-lhe o neto. (JESUS, 1993, p. 50).

Devido à falta de dados disponíveis, não foi possível verificar a veracidade desta história, é possível que não tenha passado de uma lenda urbana, visto não ter mais dados sobre o fato. Porém as enchentes eram uma realidade, tanto que a extinção do Canindé foi devido a fortes chuvas entre dezembro de 1960 e fevereiro de 1961 e seus moradores realocados em um conjunto habitacional no Jabaquara, ironicamente quando Carolina finalmente havia conseguido sair da favela.

Pois havia se mudado para Osasco em 30 de agosto de 1960, conforme ela relata no seu segundo diário *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (JESUS, 1961, p. 45). Mesmo que tenha sido, mediante uma catástrofe, o poder público finalmente agiu em favor dos favelados. É muito provável que a publicação de *Quarto de despejo* no ano anterior tenha influenciado essa medida, pois o Canindé ficou conhecido até no exterior, devido ao livro de Carolina, negligenciar essa favela não era mais viável ao governo.

E ela via o quanto os mais abastados desprezavam os favelados. E o quanto ela acabava sendo desprezada e como se sentia com isso conforme seu relato:

20 DE MAIO [...] Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo. (JESUS, 1993, p. 33).

Esta era a perspectiva que a autora tinha da vida, uma sociedade desigual, onde os pobres eram vistos com desprezo, eram escondidos, como já citado. Torna a citar que em épocas de eleição eram quase adorados por candidatos, que ávidos em busca de votos, levavam comida e outros gêneros para comprar seus possíveis eleitores e depois de serem eleitos os favelados eram novamente desprezados, desta vez pelos políticos que eles com esperança ajudaram a eleger-se:

20 DE MAIO [...] Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que

abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade. (JESUS, 1993, p. 34).

Outro fator que vale ser lembrado é que o governo teria por obrigação tomar medidas cabíveis para resolver, eram as doenças contagiosas. Essas doenças afetavam as pessoas que viviam na favela muito mais do que as que viviam na cidade, pois como a autora descreve, não havia higiene e as crianças padeciam.

A secretaria de saúde fazia campanhas, tentando impedir doenças que se originavam devido a contaminação através da água. Na obra temos em vários pontos a doença do caramujo descrita pela autora que acometia diversos moradores:⁶

9 DE JUNHO [...] Era a secretaria de Saude. Veio passar um filme para os favelados ver como é que o caramujo transmite a doença anêmica. Para não usar as aguas do rio. Que as larvas desenvolve-se nas aguas. (JESUS, 1993, p. 51).

Porém na prática, essa contaminação não era evitada por falta de saneamento básico e gerava doenças nas camadas periféricas. As medidas tomadas pelo poder público tornavam-se insuficientes. Os Filhos de Carolina, assim como outras crianças, são atacados por moléstias causadas pelo ambiente inóspito. "**11 DE JUNHO** [...] O José Carlos está mais calmo depois que botou os vermes, 21 vermes" (JESUS, 1993, p. 52):

17 DE JUNHO [...] as 5 da manhã a Vera começou a vomitar [...] disse estar com fome. Fui comprar leite e fiz um mingau para ela. Ela tomou e vomitou um verme. [...] Estou nervosa e com medo da Vera piorar, porque o dinheiro que eu tenho não dá para pagar um médico [...] (JESUS, 1993, p. 59).

19 DE JUNHO ...A Vera ainda esta doente. Ela disse-me que foi a lavagem de alho que eu dei-lhe que lhe fez mal, Mas aqui na favela varias crianças esta atacada com vermes. (JESUS, 1993, p. 59).

Carolina ainda descreve uma tentativa do departamento Estadual de Saúde de evitar a contaminação de doenças causadas por falta de saneamento, porém essa tentativa torna-se completamente ineficaz, uma vez não fornece meios para que a população consiga tratar a doença. Não adianta fazer o exame se os pobres não têm condições de comprar os remédios:

⁶ Carolina refere-se a esquistossomose, que é doença parasitária que provoca diarreias e inchaço do fígado e baço.

26 DE JULHO [...] pensando no departamento Estadual de Saude que publicou no jornal que aqui na favela do Canindé há 160 casos positivos de doença caramujo. Mas não deu remedio para os favelados. A mulher que passou o filme com as demonstrações da doença caramujo nos disse que a doença é muito difícil de curar-se. Eu não fiz o exame porque eu não posso comprar os remedios. (JESUS, 1993, p. 90).

Carolina tinha um ar de denúncia, assim como de desabafo, em sua obra. Era a forma que encontrava de não cometer loucuras, ela preferia escrever, de forma a tornar seu sofrimento menos doído:

Quando eu não tinha o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário. (JESUS, 1993, p. 170).

Conforme verificamos, Carolina desnuda as mazelas do pobre em meio a uma sociedade em evolução e progresso. A fome, as doenças devido à falta de saneamento básico, a dificuldade de conseguir água, o desprezo dos moradores da área urbanizada, o desprezo dos políticos a levaram a registrar como forma de protesto e indignação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme analisamos no capítulo dois, podemos perceber o *Diário* como catalisador da mudança social, após a grande repercussão do livro, houve finalmente a realocação dos favelados onde Maria Carolina de Jesus vivia para um conjunto habitacional.

Expondo os problemas sociais que foram ofuscados pelo entusiasmo do progresso e desenvolvimento da nação brasileira. É possível com isso um novo olhar para a história oficial e perceber que o sucesso da industrialização não estava presente em todas as camadas sociais, nos possibilitando lembrar que em prol do progresso, enquanto sociedade, não devemos negligenciar a necessidade da população carente e proporcionar-lhes a mesma oportunidade de desenvolvimento.

Foram utilizadas para obter esta análise, pesquisas bibliográficas, tanto em trabalhos acadêmicos quanto em obras sobre a autora. Estas pesquisas deram uma visão mais realista do que se passava no país na década de 50, principalmente o contraste que fica evidente no capítulo três, onde mostra-se um descritivo detalhado da forma de vida da favela, como até então não fora demonstrado.

A análise da obra da autora foi fundamental para a compreensão da forma que a sociedade encarava a figura do favelado. Todo preconceito e desprezo sofrido pelas pessoas do “quarto de despejo”, sendo ignorados pelos governantes durante seus mandados, mas procurados e requisitados em época de eleição, não diferente do que vemos na atualidade. Porém à época da obra “Quarto de Despejo”, esta divulgação é pioneira, pois nunca antes havia sido descrita de forma tão sincera e realista.

Houve também a necessidade, de demonstrar a importância e as características da forma de escrita diário, e alguns pontos que demonstram o porque de a obra da autora ser classificada como tal, como demonstrado no segundo capítulo, em vários excertos da obra, que falam coisas do cotidiano da autora e da comunidade.

Com esse trabalho concluímos a grande importância da autora e sua obra *Quarto de Despejo* (1960), visto que foi precursora ao relatar a favela de “dentro para fora” com todas as mazelas que o pobre sofria na periferia de São Paulo - a fome, miséria, falta de saneamento básico, falta de água e doenças.

REFERÊNCIAS

CANCIAN, Renato. Governo Vargas (1951-1954): Suicídio de Getúlio pós fim à Era Vargas. **Pedagogia & Comunicação**. 2006. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/governo-vargas-1951-1954-suicidio-de-getulio-pos-fim-a-era-vargas.htm>> Acesso em: 21 jun. 2018.

FRAZÃO, Dilva G. **Biografia de Carolina Maria de Jesus**. 2017. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/> Acesso em: 26 jun. 2018.

GIKAS, Alexandre I.; SAMPAIO, Julia C. G. **A Situação dos Migrantes Brasileiros em “Quarto de Despejo” e seu Papel na Formação da População Paulista na Década de 1950**. Trabalho apresentado às disciplinas de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESP/São Paulo (2016) Disponível em: < https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/julia_cristina.pdf> Acesso em: 28 jun. 2018.

GOMES, Angela de C. A trajetória política de João Goulart: No governo Getúlio Vargas > Trabalhadores, movimento sindical e greves. **CPDOC** - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. (2017) Disponível em: < https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NoGovernoGV/Trabalhadores_movimento_sindical_e_greves> Acesso em: 8 jul. 2018.

BOMENY, Helena. Educação e desenvolvimento: o debate nos anos 1950. **CPDOC** - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. (2017) Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/Anos1950>> Acesso em: 8 jul. 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Meu estranho diário**. São Paulo: Editora Xamã, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: O diário de uma favelada**. São Paulo. 1993.

MAYER, Jorge M.; XAVIER, Libânia. **Jânio Quadros, em Atlas histórico do Brasil. CPDOC/FGV** (2016). Disponível em: < <https://atlas.fgv.br/verbete/4387>> Acesso em: 3 jul. 2018.

MEIHY, José C. S. B. **Antologia pessoal: Carolina Maria de Jesus**. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Arnaldo Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

MEIHY, José C. S. B.; LEVINE, Robert M. **Cinderela negra: A Saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

RODRIGUES, Natália. Governo de Juscelino Kubitschek. **Info Escola** (2017) Disponível em <<https://www.infoescola.com/historia/governo-de-juscelino-kubitschek/>> Acesso em: 22 jun. 2018.

SANTOS, Simone C. M. dos; SANTOS, Nadia F.; OLIVEIRA, Bruna K. de. Educação e invisibilidade social na obra Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. **TODAS**

AS LETRAS – Revista de Língua e Literatura, São Paulo, v.18, n. 3, pág. 41-52, set./dez. 2016. (2016) Disponível em: < <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/viewFile/9814/6338>> Acesso em: 2 jul. 2018.

SILVA, Carlos F. R. da. **Contradições em Carolina Maria de Jesus**. 32f. Monografia em Literatura Brasileira, do Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Universidade de Brasília. (2013). Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5377/1/2013_CarlosFernandoRibeirodaSilva.pdf> Acesso em: 2 jul. 2018.

SILVA, Eliane da C. **A Violência Social Brasileira na Obra de Carolina Maria de Jesus**. 224f. Tese de Doutorado da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara (2016) Disponível em: < https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150468/silva_ec_dr_arafcl.pdf?sequence=3>. Acesso em: 2 jul. 2018.

SILVA, José C. G. da. **História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus**. 28f. Estágio de pós-doutoramento na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2006-2007). Disponível em: < http://www2.unifesp.br/proex/novo/santoamaro/docs/cultura_afro_brasileira/carolna_maria_de_jesus_biografia.pdf> Acesso em: 27 jun. 2018.

SHARPE, Jim. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História. Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.